

2 21 340-20  
• O R A C A M  
F U N E B R E

NAS SOLEMNES EXEQUIAS,

QUE NA IGREJA DE SANTA JUSTA DESTA CORTE  
fez a Irmandade de Santa Cecilia em 11. de Dezem-  
bro de 1736. ao seu perpetuo Provedor

O EXCELLENTISSIMO SENHOR  
DIOGO DE MENDOÇA  
CORTE-REAL<sup>3</sup>

*Do Conselho de S. Magestade, e seu Secretario de Estado &c.*

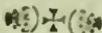
OFFERECIDA PELA MESMA IRMANDADE

A O S E N H O R  
DIOGO DE MENDOÇA  
CORTE--REAL<sup>3</sup>

*Do Conselho de S. Magestade, e do de sua Real Fazenda, Pro-  
vedor da Casa da India, Academico Real do numero da  
Historia Portugueza, e da Sociedade Real de Londres,  
e Enviado Extraordinario que foi aos Estados  
Geraes das Provincias unidas &c.*

D I S S E - A

O P. Fr. MANOEL DE FIGUEIREDO  
Chronista da sua Religiao de S. Agostinho, Mestre em  
Theologia Examinador Synodal do Bispado de An-  
gra, e das Tres Ordens Militares, e Theologo  
da Buila da Santa Cruzada.



LISBOA OCCIDENTAL  
NA OFFICINA DE ANTONIO ISIDORO DA FONSECA  
Impressor do Duque Estribeiro Mór.

M. DCC. XXXVII.

*Com todas as licenças necessarias,*

**PORTALEGRE**

FOR A CANE  
FUNERARY

AND SOLEMN EXERCISES  
TO BE PERFORMED AT THE BURIAL OF THE BODY OF

THE EXCELLENT SENEOR  
DIEGO DE MENDOZA

CORTEZ  
ON WEDNESDAY THE 15TH INSTANT AT THE CHURCH OF

SANTA CRUZ DE BARCELONA

BY ORDER OF THE  
MAGISTRALTY OF THE SAID CITY

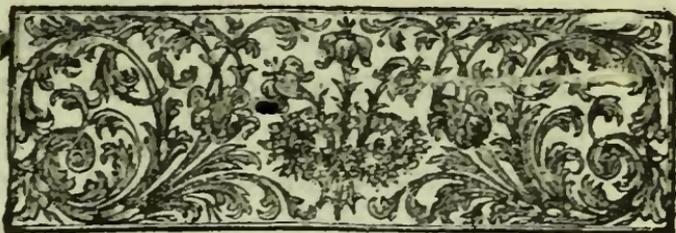
OF DON MANUEL DE SERRANO

PROVINCIAL DEPUTY OF THE SAID CITY

IN VIRTUE OF WHICH

HE HAS ORDERED THAT

POSTAL ERNE



AO SENHOR  
DIOGO DE MENDOC,A  
CORTE-REAL

*Do Conselho de S. Magestade, e do de sua Real Fazenda,  
Provedor da Casa da India, Academico Real do numero,  
e da Sociedade Real de Londres, e Enviado Extraordinario,  
que foi aos Estados Geraes das Provincias unidas &c.*

A Irmandade de Santa Cecilia, como a seu  
dignissimo Provedor  
D. S.



*EVENDO ser a offerta deste papel hum discurso todo de harmonia, como o sentimento desafina*

*finas as vozes, faz dissonancia ain-  
da com o coro das outras dedicato-  
rias: pois quando todas se afinão  
em obsequiar, esta dissona em ferir.  
Renova a Vossa Senhoria as memo-  
rias de seu grande Pay: e por mais  
doces, que exprima as aspiraçoens,  
sempre lhe haõ de ferir os ouvidos.  
Mas como as vozes da nossa magoa  
fazem armonioso, ainda que tristis-  
simo, ecco no coração de Vossa Senho-  
ria, não acertão a passar deste ter-  
mo, onde se conserva o ecco perdu-  
ravel, para a lembrança de todo  
este Reino; e sem diminuição da  
voz para o patrocínio do nosso co-  
ro.*

*Ficou Vossa Senhoria como Pro-  
vedor desta Irmandade substituindo  
o lugar de seu esclarecido Pay. Se a  
perda deste Herde admittisse compen-  
sação; como só Vossa Senhoria a po-  
deria compensar, só Vossa Senhoria  
o pôde substituir. Foi o Senhor Dio-*

do de *Mendoça* não sô para este co-  
ro, mas para todo o Reino aquetã  
figura *Maxima*, por onde se regu-  
lava o compasso de todos os acertos:  
e já que no la apagou a morte,  
buscamos quem nos recorde no no-  
me, e nas acções as suas memorias:  
pois ainda que estas sejaõ inextingui-  
veis nas almas, he necessario quem  
para a direcção das vozes a repre-  
zente viva aos olhos.

Não sô na filiação, e no no-  
me; mas tambem nos estudos, nas  
*Enviaturas*, e na satisfação, com  
que *Vossa Senhoria* enche taõ hono-  
ríficos lugares, recorda as memorias  
de seu grande *Pay*: e sendo inimi-  
tavel a alta comprehensão deste ca-  
bal *Ministro*, parece, que deixou  
a *Vossa Senhoria* por legado ir pondo  
firmes os pés, onde elle tinha estam-  
pado os vestígios.

A penas contava *Vossa Senho-  
ria* 24. annos, em que aponta a  
prima-

primavera da idade, o achou o no-  
so Augustissimo Rey capaz de pro-  
duzir fruttos sazoados, como se  
já estivesse no outomno de huma cul-  
tivada experiencia. Fez-se Vossa Se-  
nhoria em Cambray, Paris, e Haya  
Ministro consummado, quando a  
sua idade distava muito da de ho-  
mem perfeito. Sendo a luz, a que  
faz os dias, e estes os que compoem  
os annos, não se contaraõ os annos  
de Vossa Senhoria por dias; sim por  
luzes. Augmentaraõ estas o nu-  
mero daquelles recopilando em cada  
raio muitos seculos para os accertos.  
Soavaõ ainda em Haya os eccos do  
Senhor Diogo de Mendoça, porque  
vozes, que no clarim da fama de-  
raõ taõ alto brado, não podiaõ dei-  
xar de durar muito tempo no ecco:  
e persuadio-se aquella Corte, ouvin-  
do repetir em Vossa Senhoria o mes-  
mo nome, e conhecendo a mesma  
comprehensãõ; ou que havia trans-  
migrã-

regração de almas com a infusão  
do sangue ; ou que se remoçara o  
Senhor Diogo de Mendoça , trocan-  
do as cãs pelos vigores , e demi-  
nuindo os annos para accrescentar  
as noticias. Isto confessou aquella  
Corte , que he o Theatro das maio-  
res negociações , em que se tem ou-  
vido aos mais destros Ministros  
Estrangeiros representar os seus pa-  
peis : e isto confessa a nossa pela pro-  
vida disposição , com que Vossa Se-  
nhoria anima os Tribunaes , a que  
assiste.

Para incitar a Vossa Senhoria  
a tão gloriosos progressos , não he  
necessario representarlhe no limpissi-  
mo espelho de sua esclarecida ascen-  
dencia as accões dos seus antepassa-  
dos ; porque Vossa Senhoria nas fei-  
ções dos acertos dà a conhecer a  
sua genealogia. Achou nas veas de  
seus preclarissimos ascendentes dou-  
trina domestica , que imitar ; e fez-

\*\*

Se

Se de todos huma copia fiel. Aq i  
são inteiras as yozes de suas proe-  
zas, sem que o ecco lhe deminua as  
articulações dos illustres appellidos  
de Madeira Mendouça, lavrando-  
se em hum, como em Cedro alto in-  
corruptiveis estatuas para o outro.  
Voaraõ nas azas da fama innu-  
meraveis Heróes, que destes descen-  
deraõ, ficando sempre immoveis na  
perduravel successaõ das estatuas,  
que mais, que nos bronzes, porfi-  
dos, e cedros hiaõ lavrando nos  
seus descendentes.

Não necessita taõ alto, e an-  
tigo tronco fundar as raizes sã em  
congruencias de chronologia, e con-  
jecturas de discursos lizongeiros;  
quando se firma em solidas, e incon-  
cussas tradições, e em veridicas hi-  
storias.

Estaõ cheios os Nobiliarios das  
acções dos Madeiras Mendouças; de-  
duzindo-as sem nunca cortar o fio  
atè

è Dom Lopo Sarracines vigesimo  
quinto avô de Vassa Senhoria , e Se-  
nhor Soberano de Biscaya , e Duran-  
go. Entrando a regar as raizes a  
este tronco muitos rios , que tinhão  
o seu nascimento em Reaes thronos.  
Como foi pelo casamento de Dona  
Leonor Furtado Senhora de Mendi-  
vil neta da Rainha Dona Urraca,  
Irmã de Dona Tereza Mãe del-  
Rey D Affonso Henriques , por seu  
Filho D. Fernão Peres chamado Fur-  
tado. Pelo casamento de Dona Ve-  
lasquita Filha de D. Sancho Garcia  
segundo Rey de Navarra. Pelo ca-  
samento de Dona Uzenda Neta de  
D. Ramiro segundo Rey de Leão.

Salaz. Glor. da  
Caf. Farn. pag.  
567.

A estas Coroas accrescentarãõ  
ao depois suas flores , enlaçando-se  
com ellas os Lacerdas , Corte-Reaes,  
e Sequeiras. E ainda que nas casas  
a exaltação he distincta da antigui-  
dade , com tudo já lá no tempo del-  
Rey D. Diniz se levantarãõ tão al-

Corog. Portug. Tom. 3. p. 587. *tos os Madeiras, que se distingu-  
raõ entre os outros com serviços,  
e premios.*

*Em taõ alta peanha venera a  
Vossa Senhoria esta sua Irmandade,  
esperando, que toda a sua consonan-  
cia se anime com o alto brado, que  
ha tantos seculos soa pelos clarins da  
fama em applauso de seus gloriosos  
ascendentes; e agora se continúa nas  
vozes de Vossa Senhoria, a quem de-  
seja o progresso de todas as felicida-  
des em tudo sua*

A Irmandade de Santa Cecilia.

# LICENCAS

## DO SANTO OFFICIO.

*Censura do Muito Reverendo Padre Mestre Frey Antonio de Santa Maria, Religioso de Santo Agostinho dos Descalços, Qualificador do Santo Officio, e Examinador das Tres Ordens Militares, e do Priorado do Crato, &c.*

EMINENTISSIMO SENHOR.

**E** Sre Sermaõ Funebre, que nas Exequias, que na Igreja de Santa Justa desta Corte, fez ao Secretario de Estado Diogo de Mendoça Corte-Real a Irmandade de Santa Cecilia, como seu Provedor perpetuo, e recitou o Reverendissimo P. M. Fr. Manoel de Figueiredo, illustre filho de meu grande Patriarcha Santo Agostinho, ly por mandado de V. Eminencia, e nelle naõ achey cousa alguma contra nossa Santa Fè, e bons costumes. V. Eminencia mandarà o que for servido. Lisboa Occidental Convento da Boa hora dos Agostinhos Descalços 18. de Janeiro de 1736.

*Fr. Antonio de Santa Maria.*

Vista

**V**ista a informação , pode-se im-  
primir o Sermão que se appre-  
zenta; e depois de impresso tornarà  
para se conferir , e dar licença que  
corra , sem a qual naõ correrà. Lis-  
boa Occidental 18. de Janeiro de  
1737.

*Fr. Lancastre. Teixeira. Sylva. Soares. Abreu.*

# DO ORDINARIO.

*Censura do R. P. M. Fr. Jozè de Lima Religioso de N. Senhora do Monte do Carmo, Ex Vigario Provincial da V. garairia do Carmo do Maranhão, e Graõ Parà, Provisor do mesmo Bispa-do, Prothonotario Apostolico, Consultor da Bulla da Cruzada, Regente dos Estudos do Real Convento do Carmo desta Cidade, Primeiro Disinidor, e Confessor das Religiosas Carmelitas de Lagos, e Tentugal, &c.*

ILLUSTRISSIMO, E REVERENDISSIMO S.

COM grande attenção, e cuidado tenho visto a Oração Funebre, que recitou o Reverendissimo P. Mestre Fr. Manoel de Figueiredo da Preclarissima Religiaõ do Eximio Doutor da Igreja Santo Agostinho, Mestre em a Sagrada Theologia, Examinador das Tres Ordens Militares, e Synodal do Bispa-do de Angra, Theologo da Bulla da Santa Cruzada, Chronista da sua Religiaõ, e Prègador egregio nesta Corte, em as solemnes Exequias, que a Irmandade de Santa Cecilia fez na Paroquial de Santa Justa desta Corte a seu Perpetuo Provedor o Excellentissimo Senhor Diogo de Mendocça Corte-Real, do Conselho de S. Magestade, e seu Secretario de Estado; e em toda ella naõ só naõ achei cousa alguma, que encontre a nossa Santa Fé, ou que desdiga dos bons costumes,

mes, mas admirei huma Oraçaõ, que neste genero encheo os numeros todos: pois não obstante o não permitir mais largos discursos a occasião, e o tempo, em que a recitou, soube de tal modo, e com tal arte o Eruditissimo Padre Mestre epilogar as illustres, heroicas, e admiraveis acções, que assim no Carholico, como no Politico obrou em todos os periodos de sua vida o Senhor Diogo de Mendoça Corte-Real, que parece que nada lhe faltou para seu cabal elogio, e para seu adequado panegyrico, vencendo com nobre destreza, e sagás engenho a grande difficuldade, que todos experimentaõ em dizer muito em pouco. O certo he, que a hum taõ grande Ministro, como foi a todas as luzes o Senhor Diogo de Mendoça Corte-Real, não era competente menor Orador, nem taõ grande Orador se devia empregar em tecer elogios a inferior sogetto. E assim me parece, que não ha razaõ, para se negar a licença, que se pede para a impressãõ deste papel; antes sobejaõ motivos, para se facultar, que com presteza se de ao prelo, para que os que não tiveraõ o gosto de ouvir taõ elegante Oraçaõ, possaõ ter a gloria de a ler. Carmo de Lisboa Occidental 28. de Janeiro de 1737.

*Frey Jozè de Lima.*

Vistas

Vista a informação pode-se  
imprimir o Sermao, de que  
se trata, e depois de impresso  
tornarà para se conferir, e dar  
licença para que corra. Lisboa  
Occidental 29. de Janeiro de  
1737.

Gouvea.

---

D O P A C, O.

*Censura do Reverendo Padre Frey Lucas de Santa Catherina Religioso da Ordem de S. Domingas, e Chronista Geral da mesma Ordem neste Reyno, e Academico Real do numero da Historia Portugueza.*

S E N H O R.

**V**I o Elogio Funebre, com a alluzaõ a huns instrumentos musicos; nelle se achaõ aguda, e elegantemente applicadas as mais finas consonancias, entre a materia, e o assumpto, o discurso, e o estylo; sem que se divise a minima disonancia contra o serviço de Vossa Magestade; antes tudo razões, que favorecem a supplica, e facilitaõ ao Autor o premio da estampa. Este he o meu parecer, V.Magestade ordenà o que for servido. S.Domingos de Lisboa Occidental, em 11. de Fevereiro de 1737.

*Fr. Lucas de Santa Catherina.*

Que

**Q**ue se possa imprimir vif-  
tas as licenças do Santo Of-  
ficio, e Ordinario, e depois de  
impresso tornarà a esta Meza  
para se conferir, e taixar, e  
dar licença, para correr, sem a  
qual não correrà. Lisboa Occi-  
dental 12. de Fevereiro de 1737.

*Pereira. Teixeira.*

*Verfa*

Que le pella imprimiu vir-  
tas de h... do Santo Of-  
ficio, e Ordinario, e depois de  
impellido contra a ella Mexa  
para se contentar, e tomar a  
jurisdição, para exercer, sem a  
qual não corre. Lisboa Occi-  
dentis a 16 de fevereiro de 1737.

Twinkl Twinkl



*Versa est in luctum Cithara mea, &  
organum meum in vocem flentium.* Job 30.



R U E L lembrança ,  
que se por espaço de  
sette Mezes , e dous  
dias levantaste o bra-  
ço às expressoens da  
nossa mágoa , foi para descarregar  
hoje sobre nossos corações mais pe-  
zado golpe. Não foraõ treguas do  
sentimento ; porque ainda que cal-  
laraõ os clamores da batalha , là hiaõ  
recolhendo na falta de cada dia o  
despojo de hum pezar novo : foraõ  
fanguinolentas guerras , em que nem  
o tempo embotou os fios à espada  
da dor , nem o dezengano da mor-  
talidade estancou o sangue à ferida  
do coração.

a

Cuidaria

Cuidaria o Mundo que o silencio de tão largos mezes era suspenção da harmonia em que emudecido o agradecimento podia já dar entrada á murmuraçãõ; e foi pausa, para que ao depois levantasse a magoa a voz com mais impetuoso furor. Como foi tão grande o golpe, soffocou a respiraçaõ por tanto tempo. Acertou a Parca a cortar no fio de huma só vida a respiraçaõ de hum Reino inteiro: com o golpe triumphou de hum; e dos outros com a dor. Todos emudeceraõ; porque todos expiraraõ.

Nestes preambulos vai dilatando-se covarde o respeito, como quem teme chegar àquella Urna. Piza em cada sombra mil sustos; e retira o medo o pè nos mesmos passos, com que hia a avizinhar-se áquelle Mausoleo. Retarda na respiraçaõ os movimentos, por se não obrigar a magoa a dar hum grito, quando conhecer que aquellas

las

las cinzas são do Excellentissimo Senhor Diogo de Mendocça Corte-Real Secretario de Estado, das Mercés, do Expediente, da Assignatura, e da Serenissima Casa de Bragança, primeiro movel da Monarquia Portugueza no felicissimo reinado do Augusto Rey, e Senhor nosso D. Joaõ Quinto, que para encher o titulo de *Magnifico* em todas as suas obras, bastava a eleição de taõ grande Secretario.

Revestio-se (Excellentissimo Senhor) revestio-se de valor o pezame, ouvindo o bemquisto nome de Vossa Excellencia: e conhecendo donde lhe vinha a setta, com anticipação podia dizer, que cinzas sobre quem se unia todo hum Reino a formar hum suspiro commum, haviaõ de ser daquelle Heròe, em cuja morte fizesse toda a Monarquia perda universal. Naõ era necessario, que a fama de Vossa Excellencia se afastasse algum tanto

da vida , para que nós percebesse-  
mos a respiração cheirosa de suas  
virtudes : como nestas he largo o  
territorio das verdades , não pode-  
ria haver escrupulo de que pizaria  
as raias ou do encarecimento , ou  
da lizonja quem de tantas odorife-  
ras flores fizesse exhalar a respira-  
ção do applauso , quando para o  
canonizar de verdadeiro , bastava ter-  
lhes chupado tanto succo a utilida-  
de publica. Agora sim que servirão  
estas flores de grinalda a Vossa Ex-  
cellencia ; pois para o coroar com  
ellas a Providencia , estando no Ou-  
tomno da vida , o roubou ao Mundo  
na Primavera do anno. Taõ arrei-  
gados estavaõ nos nossos corações  
os fruttos do bom nome de Vossa  
Excellencia, que nunca chegaria Ou-  
tomno , em que elles por muito ma-  
duros caissem da arvore : sempre  
accusariamos de violenta a mão ,  
que os arrancasse. Se a lizonja de  
Virgilio fingio , que não poderaõ  
fer

fer colhidas cem varas, que esta-  
vaõ sobre o sepulchro de Polydoro, <sup>Æncid. 3.</sup>  
sem que vertesse muito sangue o ca-  
daver; não será novo que de co-  
rações vivos se não possa arrancar a  
presença de Vossa Excellencia, es-  
tando ella tão arreigada, sem que  
derramem muito sangue pelos olhos.  
Não podem ficar os corações inte-  
ros, quando he forçoso, que leve  
seus pedaços a arvore arrancada com  
violencia.

Com tarda respiração, mas em  
numerofissima consonancia explica  
este armonioso Coro quanto sente a  
morte do seu Protector perpetuo o  
Senhor Diogo de Mendoça. Sem in-  
juria da sua magoa afina as vozes;  
porque sabe o amor, como disse Plu-  
tarco, ainda entre os desmaiados do  
sentimento ensinar musica: *Musicam* <sup>Plutare. in Pub-</sup>  
*docebit amor.* Dilatou-se em romper o  
silencio; porque lhe feriaõ os ou-  
vidos ainda os mais brandos instru-  
mentos. Se pelo doce buscava a ci-  
thara,

chiara, via que aquella bem apparada  
 penna , com que o Senhor Diogo de  
 Mendoça fazia soar acordes todos  
 os dominios Portuguezes , voou a  
 servir de azas a huma ferra , que  
 deixando de ferir as cordas , foi a  
 traspassar os peitos. Se pelo cheio  
 buscava o orgaõ , como a morte lhe  
 roubou o ar , não descobria mais ,  
 que o registro do temblado , em  
 que palpitantes os corações por tre-  
 mores explicaõ o seu desmaio. Que-  
 ria levantar à fantasia , pondo-se di-  
 stante a imaginação , por não en-  
 contrar a figura, que era o objecto da  
 sua pena ; e quanto mais subia , tan-  
 to mais dezafinava : porque encon-  
 trando vizinhos das Estrellas os ra-  
 mos daquelle Loureiro , que copou  
 raõ alto , para que a fama lhe tes-  
 fesse delles muitas coroas , como  
 là a atroavaõ os brados da fama . là  
 a feriaõ os gritos do sentimento.  
 Assim o explica nas clausulas do meu  
 Thema a insigne Cantora Santa Ce-  
 cilia,

cialia, fazendo, ~~ve~~ o mesmo compasso reja lagrymas, e affectos.

*Versa est in luctum cithara mea, & organum meum in vocem flentium.* Cõverteo-se em pranto a minha cithara, e o meu orgão na voz dos que choraõ. Tristissima clausula, em que no sentir de Pineda, recopilou Job, todas as expressoens da sua magoa:

*Luctuosissima totius capitis clausula.* Sim era, diz Cecilia, sim era o Senhor Diogo de Mendoça cithara animada, que punha em consonancia a Monarquia Portugueza: mas essa cithara, que para todos soava doce, desde a idade de dez annos, em que a fórte de hum registro meu lhe fez fixos atè à morte os pontos da devoção, foi cithara muito minha: *Cithara mea.* Foi cithara, de quem se pòde verificar o que disse S. Gregorio Niceno, que por natureza afinava os pontos da consonancia no governo deste Reino: *Naturam nostram*

*Pineda in Job.*  
30. v. 31.

*condidit velut quoddam instrumentum reg-*

*D. Greg. Nice.*  
*l. de opific. bom.*  
c. 4.

*Cassiod. l. 2. Variar. Ep. 20.*

*Pier. l. 47. Hieroglif.*

*Cicer. l. 2. de Rep.*

*Rup. in Apol. 14.*

*Dam. Opusc. 45 c. 4.*

*D. Thom. a Vila Nova. Serm. de Viffi.*

no administrando idem. Foi cithara; porque, se as cordas, como diz Cassiodoro; se dirivão à corde, era este grande Secretario o coração, que dava espiritos ao vasto corpo desta Monarquia. Foi cithara, em quem, como desejava Pierio, todas as cordas se encaminhavaõ unidas ao fim do bem commum. Foi cithara, onde, como queria Cicero, todas as cordas soavaõ em seu lugar, e em seu ponto. Foi cithara, onde, como advertio Ruperto, sempre estavaõ temperadas as cordas, para que o Reino estivesse sempre em harmonia. Foi cithara, cujas cordas, como pedia o Cardeal Damiaõ, por serem de metal sonoro, não reconheciam carne, nem sangue na administração da Justiça. Foi cithara temperada em ponto tão alto, que às vozes do nosso Augustissimo Monarca correspondia sem novo impulso Solet, diz meu Irmão Santo Thomàs de Villa-Nova: *In consonantibus citha-*

citharis evenire, ~~et~~ unius chordá pulsátá,  
 alterius, quæ eodem puncto concinis est  
 chorda, & nulla alia contremiscat: Quis  
 non miretur quod sola consonantia faciat  
 motum? Foi em fim cithara, onde  
 atè as penas faziaõ melodia; por-  
 que ainda os castigos, que vinhaõ pe-  
 la penna do Senhor Diogo de Men-  
 doça, soavaõ doces, e se faziaõ bem-  
 quistos. Tanto conseguia a sua bem  
 apparada penna, e o seu fino, e  
 agudo discurso: *Ea vis est ingenii*, dif-  
 se Seneca, *ut etiam invitis placeat.*  
 Esta cithara pois, onde nunca disso-  
 nou corda por falsa, como a mor-  
 te lhe cortou de hum jacto todas as  
 cordas, naõ me deixou mais que la-  
 grymas: *Ruptis fidibus*: disse em se-  
 melhante caso Filippe Mediolanen-  
 se, *Versa est in lacrymas.* Quebrou-  
 se a cithara, e desatou-se o pranto:  
*Versa est in luctum cithara mea.*

Seneca.

Philip. Medio.  
 apud Picinel. l.  
 23. Simbo. c.4.

Faltoume (continua o Coro de  
 Cecilia as expressoens da sua magoa)  
 faltoume tambem nesta morte o mais

*Ecclesia in Offi-  
cio Sanct. Cecil.*

afinado, e mais choro orgão: e fe-  
eu até agora cantava com elle ale-  
gre: *Cantantibus organis Cecilia decan-  
tabat*: já por faltar neste orgão o ar  
da vida, não articulo mais que a  
voz do pranto: *Et organum meum in  
vocem flentium.*

Orgão foi o Senhor Diogo de  
Mendoça, onde bastava huma respi-  
ração, ainda sem explicar por vo-  
zes racionaes o seu conceito, para  
mover os affectos dos pretendentes:  
*Natura*, disse Quintiliano, parece  
que symbolizando no orgão este  
grande Secretario de Estado: *Natu-  
ra ducimur ad modos; neque enim ali-  
ter eveniret, ut illi quoque organorum  
soni, quanquam verba non exprimunt,  
in alios tamen, atque alios motus duce-  
rent auditorem.* Por modos explica  
Quintiliano esta consonancia, para  
mover os affectos; porque a harmonia  
deste grande orgão, ou deste incom-  
paravel Secretario consistia muito na  
quelle bom modo, com que fazia do-  
ces

*Quint. l.9. c.4.*

ces os defengares, e suaves as precisas dilacões dos despachos.

Foi orgão, em que a sua mão ainda que destra não fazia que fosse outro ar mais, que o que recebia da alta comprehensão do nosso Serenissimo Rey. Entre todos os instrumentos musicos, que se animão com ar, só o orgão soa com o que recebe de outra mão diversa das que o regem. No baixão, no fagote, na flauta, no boaz &c. devemos as vozes aos sopros de quem os toca; no orgão he diversa, e fica superior a mão, que lhe dá o ar. Soava armonioso o Senhor Diogo de Mendoça; porque bebia puro o ar da Real mão, que lhe ficava superior. Foi orgão, onde por serem de mysterio todas as vozes, ainda o vento tinha pezo: *Posuit Job. 28. 25. ventis pondus.* Foi orgão, em cujo sumeiro se occultavaõ tanto os segredos da Monarquia, que se não deixavaõ penetrar nem ainda do mais

curioso registro; e quando ainda os olhos mais linceos, em quanto não fôavaõ executados os projectos. Foi orgão, em que era tão rapida a consonancia na execuçaõ dos Reaes decretos, que sem encontrar exito sinistro, ambas as mãos tinhaõ a destreza da direita, como encarece a Escritura de Aod, que foi primeiro Enviado de Israel: *Utraque manu pro dextra utebatur.* Emudeço pois este orgão; porque a morte lhe soffocou a respiraçaõ. Callaraõ as suas vozes; e não ficou mais, que o chumbo para os pezares. Cantava, em quanto elle vivia: *Cantantibus organis Cecilia decantabat*: e se os Israelitas cessaraõ do canto: *Quomodo cantabimus?* suspendendo elles o orgão por seu arbitrio: *Suspendimus organa nostra*; a mim que mo roubou a violencia da morte, não me resta mais, que a voz dos que choirão: *Et organum meum in vocem flentium.*

Judic. 4. v. 15.

Psal. 136. 4.

Ibi v. 2.

Toda este pranto esteve atégora  
repre-

reprimido , para correr hoje mais impetuoso. Teve a origem no dia nove de Maio , dia tanto destinado para as lagrymas , que como diz Polo , foi o decimo , em que continuou o pranto do Povo Hebraico pela morte de Samuel , que foi Secretario de Heli : *Fuit hic dies (9. Maii) decima luētūs Hebraorum pro morte Samuelis.* Sendo para nós o primeiro , correspondeo logo ao dia decimo do pranto ; porque não necessitava o nosso sentimento de esperar pela decima onda no mar empolado das lagrymas para se quebrar com maior impeto.

*Pol. Diar. Sacr. tom. 1. 9. Maii pag. mibi 300.*

Encontrou rocha proporcionada no dia onze de Dezembro : não fô porque quiz unir a providencia o maior Secretario de Portugal a S. Damaso Maximo Pontifice da mesma nação ; mas tambem porque , como diz o mesmo Polo , este era o dia , em que o pranto se acolhia ao sagrado, *Dies luētui sacratus.* Era dia con-

*Pol. Diar. Sacr. Tom. 2. 11. Decembris pag. mibi 462.*

sagrado

o fagrado às lagrymas para que em onze de Dezembro te fizesse fagrado pelas exequias o pranto, que em nove de Maio foi profano pela morte.

Assim corresponde hum dia a outro dia : assim conspiraõ ambos ; para nos executarem pelo sentimento. E quem melhor que a musica exprimiria estes tristissimos affectos da alma ? Certo , que não fiaria hum Reino inteiro as expressoens da sua magoa em tão sensivel perda , se não das acordes vozes dos mais destros, e mais insignes Cantores da Corte. Como nelles se substituem todas as vozes de Portugal , não só explicaõ o que perdeu o seu Coro ; mas tambem o que perdeu todo este Reino. Perdeu a cithara mais doce , e o orgaõ mais cheio. Commua he a perda ; porque com tão afinados instrumentos ficavaõ ajustadas as vozes dos Palacios , e as dos Templos. Para humas soffocou-se o orgaõ : para outras quebrou-se a cithara. Quebrou-se  
a ci-

a cithara majs ~~no~~ no Politico. Primeiro ponto. Soffocouffe o orgão mais cheio no Catholico. Segundo, e ultimo ponto. Estas são as vozes do nosso sentimento : estes os eccos da nossa perda , que à divisaõ das virtudes em catholicas , e politicas corresponde com gemidos no orgão, e lagrymas na cithara : *Versa est in luctum cithara mea, & organum meum in vocem flentium.*

## PRIMEIRO PONTO.

**E**M Tavira alegre Cidade do mimoso Reino do Algarve nasceo o Senhor Diogo de Mendouça. Do vizinho clima de Africa participou aquelle Reino a benigna influencia da fertilidade em produzir monstros de engenho , sabendo multiplicar o ninho às Aguias , e o numero ao Fenis. Cithara , que havia de soar em ponto tão alto , não fahiria de outra officina , que não fosse berço das

das Aguias, para se hi trazer como natural a penna, que fizesse soar as suas cordas.

Nasceo em 17. de Junho de 1658. dia, em que andaraõ apostados os annos em multiplicar ao nosso Reino as glorias. Nelle alcançou huma Rainha a coroa no Ceo: nelle segurou hum Rey a coroa na Terra. Dia sagrado pela morte da Santa Teresa Rainha de Leaõ, e filha dos Reis de Portugal D. Sancho I. e Dona Dulce: dia glorioso pela celebre vitoria de Montes Claros.

Deveo esta animada cithara a origem a hum taõ nobre tronco, que desde o seu antigo titulo de *Madeira* criou palmas, e cedros taõ incorruptiveis, e taõ levantados, que ja no tempo Del-Rey D. Dinis era cheirosa a sua fama, e conhecido o seu nome. Daqui sahiraõ ramos, de que se podem formar estatuas aos Mendocas; aos Corte-Reaes, aos Lacerdas, e aos Sequeiras: levantando-se

fe tanto esta arvore, que chegou a tocar em algumas Estrellas, a quem tesseo coroas com as suas ramas: e onde colheo por fruttos Sceptros, Purpuras, e bastoens. He verdade esta em que contestaõ Salazar, D. Antonio de Lima, a Nobiliarquia Portugueza, a Corografia Portugueza, e os mais exactos Genealogistas deste Reino, e do de Castella.

*Salazar. Glor. da Caz Farnes. pag. mibi. 563. & 567.*

*Lima. tit. de Cortes Reaes. Nobil. Portuguez. c. 38.*

*Corografi. Portuguez. Tom. 3. pag. 587.*

Como as cordas desta cithara haviaõ de ser do metal mais sonoro, tiveraõ o nascimento em huma taõ preciosa mina, que pelo seus Mendocças deixa conhecer as veas atè o vigesimo quarto avo Senhor soberano de Biscaia. Naõ podia correr turvo, ou escuro hum fangue, cuja corrente sem cortar o fio vai encaminhando o conhecimento atè huma fonte taõ distante, taõ alta, taõ limpa, e taõ pura, que podia ser a fonte do Sol. Ainda que a inteireza do Senhor Diogo de Mendocça estava muito acima de taõ empina-

c

dos

dos montes, são tão altos os confins desta Provincia, que bem os pôde ver o defenteresse, sem se afastar do territorio da igualdade.

Teve o Senhor Diogo de Mendoça a primeira qualidade de Secretario de Estado na nobreza de seus esclarecidos ascendentes. Assim o recomenda Solorzano de licção de Casfiodoro, e outros: *Tanti habitum fuit, ut inter primos ex optimatibus, qui Davidi, & Salomoni assidebant, Secretariū connumerentur, & apud Titum Livium legamus Porfena Regis scribam cum ipso assedisse.*

Solorz. Emblem.  
47. n. 29. pag.  
mibi 376.

Nos estudos mostrou hum tão grande, e comprehensivo engenho, que para o enriquecerem de noticias andaraõ com elle prodigas as artes liberaes. Fez-se o primeiro lugar entre os oppositores da celebre Universidade de Coimbra, onde foi Conductorio na faculdade de Canones, e donde passou mais, que a vestir, e honrar as garnachas. Mas como taõ  
agigan-

agigantado espirito não cabia dentro de huma, apenas a deixou quente por espaço de nove mezes; quando o Senhor Rey D. Pedro II. o mandou seu Enviado, e Plenipotenciario aos Estados de Hollanda, segurando na harmonia desta cithara o bom successo da Enviatura. Para conciliarem os animos dos Principes Estrangeiros, costumavaõ os antigos Getas, como escreve Engelgrave, mandar os seus Enviados com citharas: *Quæ ratio impulit antiquos Getas, ut cum citharis legationes obirent.* O Senhor Rey D. Pedro não necessitou de prevenir cithara para o seu Enviado; porque no mesmo Enviado tinha a mais armoniosa cithara.

*Engelg. Cal.  
Emp. Tom. 2.  
p. mihi 506.*

Partio em Março de 1691. mas foi taõ perigosa a viagem, que para tomar porto, foi necessario que obrasse muitos milagres o seu juizo; e d'vesses especies cuidados à providencia. Tomou o Piloto o Canal falso de Inglaterra (se acaso hà no-

va falsidade , que se possa acrescentar à inconstancia das ondas ) e evitado este naufragio , arribou de hum perigo a huma desgraça ; por topar o navio em hum banco de arêa. Era a noite escura , e a confusão grande , sendo tão infelices as lagrymas dos passageiros , que nem por copiosas poderaõ accrescentar ao mar as aguas , para que naquelle baixo boiãsse o Navio. Só o Senhor Diogo de Mendoça , levando a serenidade no semblante , a bonança nos feridos , e muitos Santelmos no valor de seu animoso coração , reve accordo , para mandar , que cortados com pressa os mastros, saltasse a gente nas lanchas : sendo o Ariaõ , que com a cithara de seus acordes discursos poz em calma a furia das ondas.

*Ovid. 2. Fast. Ille sedet , citharam que tenet , pretium que vehendi.*

*Cantat , & aquoreas carmine m'let  
aquas.*

Assim cantou Ovidio do Ariaõ fabulo-

buloso. Melhor ajustaria a letra à cithara deste ~~Atlas~~ verdadeiro.

Saltou ultimo na lancha, podendo então repetir-se o que lá cantou Virgilio do seu Eneas.

..... *Simul accipit alvo  
Ingentem Æneam, gemuit sub pondere cymba.* *Æneid 6.*

E querendo o Capitão varar logo em terra, o Senhor Diogo de Mendouça, o obrigou a que se fizesse na volta do mar, por ser a praia desconhecida. Com a luz do dia se conheceo a daquelle conselho; porque estava a praia tão coalhada de cachopos; que feria infallivel o naufragio. Elle foi o Norte por onde o Piloto dirigio o rumbo, e a carta, que no papel do seu discurso descreveo aquelle baixo.

Entrou em Haya: e sendo huma parte da sua instrucção revindica as embarcações, em que os Holandezes nos tinhaõ feito preza, encontraraõ estes Navios mais perigosos

fos baixos nos bancos de Flandres ,  
 que o feu no banco de arêa. Mas  
 foubes o feu entendimento surgir por  
 entre impossiveis , e arrancou das  
 mãos da ambição oitenta mil pata-  
 cas , em que se avaliou a preza : mas  
 tão defenteressado , que tendo esca-  
 pado de hum naufragio , sem ser  
 conduzido no vellocinio de ouro ,  
 não achou nelle a enveja lugar à fa-  
 bula ; quando buscava no interesse  
 historia. Perdeo o feu , e recuperou  
 o nosso , mostrando ser Enviado não  
 para si , sim para o bem do Reino.

Tambem Deos como supremo  
 Rey cõsultou quem mandaria por feu  
 Enviado , para revindicar o que no  
 Mundo tinha perdido *Quem mittam ,*  
*Et quis ibit nobis ?* Parece superflua a  
 consulta , mas fella precisa o pro-  
 jecto : *Quis ibit nobis ?* Construo fiel-  
 mente. Quem irà para nós ? Quem  
 mandava , era hum : *Mittam :* o En-  
 viado era outro : *Quem :* mas a con-  
 veniencia era para o commum *Nobis .*

1241. 6. v. 9.

E ain-

E ainda no ~~Caso~~ se necessita de consulta, para se eleger hum Enviado, que indo a recuperar o perdido, não vá fazer o seu negocio, sim o do Reino. Não vá para si, vá para nós  
*Quis ibit nobis?*

Nestas eleições convem que os Soberanos sejaõ interessados; porque a maior liberalidade consiste na cobiça de semelhantes acertos: *Nam licet* (disse Theodorico em semelhan-  
te eleição) *in honoribus aliis beneficia*  
*conferamus, hinc semper accipimus.*

*Apud. Cassiod.  
l. 5. Variar.  
Epistol. 4.*

Concluidas as outras dependencias, passou o Senhor Diogo do Men-  
doça com o mesmo caracter no an-  
no de 1694. de Haya a Madrid, on-  
do assistio até o anno de 1703. rem-  
po, em que involta toda a Europa  
já quasi empunhava a espada, in-  
teressando-se em quem havia de em-  
punhar o Sceptro de Castella. Não  
podia a penna do Senhor Diogo de  
Mendoça reduzir a harmonia na citha-  
ra da sua instrucção todas as cor-  
das

das dos interessados, porque era forçoso quebrar com humas, quando se ladeasse a outras: mas percebeo quaes eraõ as vozes dos gabinetes, que se ajustavaõ, e quaes as que difsonavaõ dos nossos projectos. Só elle foi na occurrencia dos maiores Ministros Estrangeiros o Oraculo de Delfos, a que nunca se correò a cortina: taõ fechado esteve, que atè o rompimento soava a cithara deste Apollo para todos com a mesma doçura.

Nos annos em que assistio na Corte de Castella, reve a sua cithara as propriedades da de David, servindo de moderar os furores a mais de hum Saul: *David tollebat citharam & refocillabatur Saul.* Reconciliou entre si a muitos Grandes, fazendo unir aquelles levantados montes, que vinhaõ attrahidos da consonancia desta cithara, e da eloquencia daquelles discursos, que se naõ aprende nos preçitos de Quintiliano, nem

I. Reg. c. 16.  
v. 23.

a en-

a ensina Cicero. Muitos delles solta-  
raõ as armas das maos, para as darem  
em sagrados desposorios, que ajustou  
o Senhor Diogo de Mendoça. E  
aquellas pedras, que atirava a descon-  
fiança, e o furor, atrahidas da citha-  
ra deste Anhaõ se uniraõ nos cazamẽ-  
tos a compor aquellas grandes Casas.

*Morvit Amphion lapides canendo. Horat. l. 3. Od.*

Verdadeiro Plenipotenciario do Ceo <sup>11.</sup>

Portuguez, que com as chaves do  
seu poder naõ foi a abrir, sim a li-  
gar os corações: *Tibi dabo claves Re-* *Math. 16. 19.*  
*gni: quodcumque ligaveris, erit ligatum.*

Entaõ podia dizer o Senhor  
Rey D. Pedro que o seu throno su-  
stentava o poder sobre huma colun-  
na de nuvem, que gyrava ainda so-  
bre as Cortes Estrangeiras: *Thronus* *Ecll. 24. 8.*  
*meus in columna nubis: In omni gente*  
*primatum tenui:* sendo o Senhor Dio-  
go de Mendoça a nuvem, que foi  
chever beneficios distante da terra,  
onde tinha recebido os vapores. E  
quando o chamou daquella Corte,  
d onde

onde aquella cithara afinou os pontos da mais alta politica, lhe podia dizer: *Exurge gloria mea, exurge psalterium, & cithara.*

Por occasião da liga, que contra Castella fez o nosso Reino, com o Emperador, e outras Potencias, passou o Senhor Diogo de Mendonça para Portugal, sendo trocado no Caia pelo Marquez de Capece-latro Enviado Extraordinario daquella na nossa Corte. Em tres de Abril de 1704. foi nomeado Secretario das Mercès, e Expediente: e no mesmo anno na campanha da Beira acompanhou ao Senhor Rey D. Pedro em qualidade de Secretario de Estado, de que ao depois se lhe passou carta em 27. de Março de 1707. Levantou-se esta cithara a ponto mais alto, e mostrou, quam finas eraõ as suas cordas; pois sem quebrarem aquelle grande conceito, que dellas se tinhã formado, soãõ mais armoniosas, quando se pozerãõ mais levantadas. Em

Em quanto o Senhor Diogo de  
Mendoça , esta mostrando a sua alta  
comprehenção no manejo de tantas  
Secretarias, permitão-me que faça hum  
paralelo entre elle , e Moysès. Foi  
Moysès Plenipotenciario de Deos , e  
seu Enviado à Corte de Faraò, donde  
se despedio com guerras apregoadas;  
mas deixando levantadas muitas esta-  
tuas à sua capacidade , e ao seu no-  
me no conceito dos Palacianos , e  
do Povo todo : *Fuit que Moysès vir* Exod. c. 11.  
*magnus valde in terra Aegypti coram ser-* v. 3.  
*vis Pharaonis , & omni populo.* O Se-  
nhor Diogo de Mendoça na mesma  
Corte , donde se ausentou , deixan-  
do abertas as portas de Jano , con-  
seguio pela consonancia da sua ci-  
thara ser venerado por Apolo.

Moysès deo com a sua Vara  
tintas à poesia , para pintar nelle a  
Mercurio Embaixador dos Deoses ,  
com talares nos pès , e azas no cha-  
rro. O Senhor Diogo de Mendoça ,  
faz em si historia o que nos Poetas

foi fabula, porque era tão prompto nas resoluções, e tão expedito na execução dos projectos, que parecia ter azas nos pés, e na cabeça.

*Numer. c. 12. v.*  
3.

Moyfès, sendo o primeiro Ministro de Deos, foi conhecido pelo homem mais affavel, e mais pacato, que teve o Mundo: *Moyfès vir mitissimus*. Da pacacidade, e affabilidade do Senhor Diogo de Mendonça, são tantas as testemunhas, quantos os pretendentes; nos quaes, quebrando muitas vezes a impaciencia o freio do respeito, nem por desbocados encontraraõ precipicio para os seus despachos. Respondia com huma graça a huma injuria; com hum proverbio bem applicado a huma liberdade furiosa; e com hum reparo discreto a huma acção desatenta. Este he aquelle nunca assas encarecido bom modo, que não só os Politicos, mas ainda os Saitos desejavaõ por primeira qualidade em quem fosse o primeiro Ministro. Com

sultando Filippe II. a S. Francisco de Borja sobre as qualidades de alguns fogeitos, para a promoçãõ dos primeiros lugares; e propondo-lhe o Santo hum aliàs idoneo, lhe dava logo esta exclusiva: *Dado, escrevia o Santo Borja, que eu presuma, e crea delle muita rectidaõ, e fidelidade no serviço de Vossa Magestade, he grande inconveniente naõ ser tratavel hum Prestidente, porque com o desabrimento fogem delle como feridos os negociantes, e da hi dem, que fazem recurso, e daõ enfado aos Principes occupando-lhes o tempo que haviaõ de empregar noutras cousas maiores.* Eis aqui como cede em beneficio naõ só dos pretendentes, mas ainda dos Monarcas a affabilidade dos seus Secretarios. Alenta a huns, e descança a outros.

Moysès depois que fez prova da sua comprehensãõ, e fidelidade na Enviatura do Egypto, foi promovido por Deos a seu Secretario com tanta privança, e tanta mão

no

*Ciensuegos Vi-  
da do S. Borja  
pag. n.º 325.*

no governo, que conseguio os incomparaveis foros de feu amigo: *Lo-*

*Exod. 33. 11. quebatur Dominus ad Moysen: sicut so-*  
*let loqui homo ad amicum suum.* Seme-

lhante graça achou o Senhor Diogo de Mendoça na confidencia, que delle fez o nosso Augustissimo Monarca, sem haver tempo vario, que nublasse o Ceo daquella affabilidade, nem vento contrario, que perturbasse a bonança daquelle agrado.

Moyfès foi hum tão grande Secretario de Deos, que senão suprio a sua falta menos que com mui-

*Exod. c. 32. v. 1. tos Secretarios: Fac nobis Deos, qui*  
*nos precedant: Moysi enim qui nos edu-*  
*xit: ignoramus quid acciderit.* Assim o

vemos depois da falta do Senhor Diogo de Mendoça: multiplicou-se o numero para ver se assim se podia encher o seu lugar. Em fim morreo Moyfès, deixando embalsamada a sua fama na benção de Deos, e me-

*Eccl. c. 45. v. 1. moria dos homens: Dilectus Deo, &*  
*hominibus.*

*hominibus, cujus memoria in benedictione est.* Para a fama do Senhor Diogo de Mendoça, nunca haverá corrupção: sempre se ha de conservar fresca a sua memoria, ainda, que muito à custa da nossa faudade.

Esta memoria conservará aquella estatua, que o Senhor Diogo de Mendoça mereceo á posteridade, sem que ainda no tempo da sua vida se derretesse o bronze ao fogo da enveja. Havendo na sua privança tanta materia, em que podesse prender a emulação, como ninguem lhe podia disputar a grande capacidade, não se atreveo a introduzir nella calor. Correndo vento em popa a sua fortuna no manejo de tantas occupaões, não houve remora, que se oppoesse com espinha. Não pode resistir a embarcação, em que hia Marco Antonio á opposição de hum remora, que bastou a deter o rapido curso, que lhe dava o impulso de quatrocentos remeiros.

Recolhi-

Recolhida porèm a remora dentro da Galera , seguio esta o seu rumbo com a mesma ligeireza. Foi opposta, em quanto esteve fóra ; mostrou-se affavel na sociedade , tanto que a recolheraõ dentro. Não necessitou desta industria a privança do Senhor Diogo de Mendoça. Foi raõ bem-quista , que nunca contra ella houve espinha ainda dos que estavaõ fóra da barca do governo.

Com raõ alta comprehensãõ desempenhou as obrigações de tantas Secretarias , que seraõ sempre os seus discursos o Texto mysterioso , a que se não possa accrescentar glossa ; e o grande Livro por onde todo o Mundo estude politicas. O Mundo todo , digo ; porque para ser Livro traduzido em todos os idiomas , fallava a todos os Ministros Estrangeiros na sua lingua e entendendo-lhes mais , que a lingua , os pensamentos.

Là fingio a lizonja , que o rain

de Jupiter se ajuntara a huma cithara, para delcançar sobre huma almofada. Cà reve esta cithara seu raio, para penetrar o interior a toda a terra : ou talvez para que descançasse o raio, ou o Sceptro do nosso Serenissimo Rey ao som da sua armonia. Mas ainda quando parecia adormecido, se não era o trifulco de Jupiter, era raio com duas pontas, huma para penetrar os interiores dos Ministros Estrangeiros; e outra virada para a mesma mão, que o vibrava; para que os do gabinete se deixassem penetrar daquella luz, que tendo a origem no fogo mais activo, não só era a mais intensa, mas tambem a mais clara. Assim acodia a reduzir tudo a nova consonancia por ponto mais refinado, fazendo, que se jogassem raõ destas as armas, que já depois de apontada, fez, que se rebatesse ferida contra o mesmo Ministro Estrangeiro, que se podia jactar de

ter encaminhado a ponta contra a nossa reputação.

Oh quantos destes repentinos relampagos fuzilarão naquelle Ceo, para livrarem de vizinhos precipicios os pès, que caminhavaõ sem luz! Bastava o rio Caia, para encher de gloria, e matar a sede á alma mais sequiosa de fama. Aqui mostrou o Senhor Diogo de Mendonça, que era aquella constellação celeste, quem os Astrologos chamaõ *Cithara*; que com a sua armoia pos de melhor aspecto os soberanos astros de hum, e outro emisferio, para que não acabasse Cometa, o que principiava Conjunção maxima. Mas como rodos estes mysterios se fecharão com duas chaves, huma da fidelidade, e outra do respeito, lançou huma no Caia, e outra no Lethes; para que nem os seus entidades percebessem parte do que se encerrava em seu peito. Tendo dentro de si toda a luz de hum Sol pa

ra os acertos, se meteo nas trevas da meia noite para o segredo. Fique-lhe por premio a luz do juizo, e para nós como mysterio, a sombra do culto: *Tibi*, disse Tacito de Tiberio, *summum rerum iudicium Dii dedere: nobis, obsequii gloria relicta est.*

Tacit. 6. an. 8.

Parecia a cithara do Senhor Diogo de Mendocça huma daquellas, que regiaõ os Anciões, que assistiaõ ao throno do Supremo Rey: *Habentis singuli citharas*; porque se no corpo destas citharas estavaõ esculpidas muitas rosas junto da bocca, onde se formavaõ as vozes: *In corpore Lyrarum*, disse Lorino, *unde sonus redditur, rosæ visuntur in ligno sculptæ*; a cithara do Senhor Diogo de Mendocça sempre tinha a bocca cheia de rosas. Tinha rosas na bocca para o segredo, de que ellas eraõ symbolo para com os antigos. Tanto importava o proverbio: *Maneat sub rosa*; como recomendar-se hum segredo inviolavel. E tinha tambem a

Apoca. c. 5. v. 8.

Lorin. in Ps. 44.

bocca cheia de rosas . porque della sempre faia com bom cheiro a fama dos outros. Naõ se podia dizer do Senhor Diogo de Mendoça, o que lá conta Erasmo de Euripides. A certo pertendente, que exprobou a Euripides ter mão cheiro na bocca, respondeo este Sabio , que era , porque lhe tinhaõ apodrecido muitos segredos

*Erasmi. L. 8.*

*Apoth. Apud.*

*Solorz. Emble.*

*47. n. 35. pag.*

*mibi 377.*

no peito: *Multa nimirum occulta in pectore computraverunt.* Apodreciam-lhe ao Senhor Diogo de Mendoça os segredos no peito ; mas a bocca desta Cithara sempre estava cheia de rosas : e para a fama alheia nunca era defabrida , nem mal cheirosa a sua respiração.

Jà este grande Secretario conseguiu de huma bem apparada penna , que em qualquer rasgo se deve venerar por Excellentissima, o elogio de ser o retrato mais fiel do nosso Serenissimo Rey : eu accrescento , que além da fidelidade reve o primor de lhe fazer sobre sair , e de a conhecer as vantagens de origi-

na

nal. Foi fiel, porque no seu semblante, e nos seus decretos se exprimiaõ muito ao natural os affectos da Magestade, representando todo o seu intrinseco valor. Dizendo-se ao Principe Athalarico, que accrescentasse o valor extrinseco da moeda, respondeo, que não queria falsidade onde estava o seu retrato: *Omnino monetæ debet integritas reperiri, ubi, & vultus noster imprimitur.... Quidnam erit tutum, si in nostra peccetur effigie!* Foi o Senhor Diogo de Mendocça moeda de ley: a quem não falsificaraõ os affectos nem do respeito, nem do interesse. Representava com todo o seu intrinseco valor o semblante do nosso Serenissimo Rey; mas mostrando ser este o original, e elle só a copia. Este foi o primor: fazer que todos reconhecessem nelle com em copia os excessos do original. Porisso retrato mais fiel; porque representava copiando, e não precedendo. Não tinha que envejar

jar a hum Anjo a cithara, porque nesta representação esta a sua cithara na mesma consonancia, e no mesmo ponto, que a do Anjo.

*Psalm. 133. v.*  
4.

*D. Dionys. de*  
*Celest. Hierar.*

Só dos Anjos fiou Deos a fidelidade de seus Ministros: *Qui facis Angelos tuos spiritus: Et Ministros tuos.* Mas são os Anjos hum espelho clarissimo, em que ao natural se representa a imagem de Deos, e a Luz occulta: *Angelus, diz S. Dionysio, est imago Dei, manifestatio occulti luminis, speculum clarissimum.* São espelho, e não quadro, para representarem a imagem do seu Soberano: porque a pintura introduz cores; e o espelho não admite outro pincel, que o da natureza. O espelho tem em si a copia; mas deixa ao objecto as regalias de original; porque estando elle immovel, exprime na pintura os movimentos como acçoens do objecto, de quem encerra em si o retrato. Do original he a accão, do original he o movimento.

vimento: e elle contenta-se com ser fiel copia.

Para que à fidelidade não faltasse a comprehensão de Anjo, a quem nenhuma occupação he fadiga, pareceo o Senhor Diogo de Mendoça, ser só de huma peça, como se todo fosse espirito, e intelligencia todo. Com tanto desafogo expedia os negocios de tantas, e tão diversas Secretarias; de tantas, e tão graves consultas; de tantas, e tão intrincadas difficuldades, como se fosse todo espirito não só na fidelidade, não só na intelligencia, mas muito mais em não ter fadiga. No meio deste tropel de occupaões se achava com tanto socego, tanto acordo, e tanto desembaraço, como se estivesse em perpetuo ocio. Isso exaggerou Velejo em Pisaõ, quando o elogiou por activo sem fadiga: *In actu otiosis et nullimus: quæ agenda sunt egit sine ulli ostentatione agendi.*

Sem ostentação de occupado  
foi

foi o Senhor Diego de Mendoça o Sol, que em continuo movimento era officioso, e util, ainda naquelle emif-ferio, a que parecia faltar, e não faltava. Servia ainda com as trevas, não só por serem precisas ao seu segredo; mas tambem porque como Secretario do Santo Officio, onde levanta o seu Tribunal a Fé, que he escura, lhe fazia obsequio com a noite. Por isso não sem mysterio teve doze occupaçoens principaes, que pode ir somando a curiosidade. Foi Secretario de Estado, das Mercès, do Expediente, da Assignatura, da Serenissima Casa de Bargança, do Santo Officio: foi Provedor da Casa das obras, servio algumas vezes de Mordomo Mór, e de Monreiro Mór muitos annos. Teve todo o Expediente da Guerra ainda antes de ser Secretario de Estado. Foi Academico da Academia Real da Historia, com a incumbencia de decidir os pontos difficultosos: e foi Envoyado

do a duas Corres. Podendo dizerse que nestes doze lugares era o Sol, que assistia aos doze Signos; ou que nas quatro principaes Secretarias era aquella fonte, que ao mesmo tempo dava agua aos quatro rios do Paraíso.

Mas de toda esta agua, como se quebrou aquella cithara, que era o seu registro, não nos ficaraõ mais que as lagrymas. Verificou-se o que varicinou Isaías, que seria ruina da terra: o callarse a doçura de huma cithara: *Dominus dissipabit terram. Conticuit dulcedo cithara.* Cortaram-se para os corações os lutos, quando a morte cortou nesta cithara as cordas: *Versa est in luctum cithara mea.* Isai. c. 24. v. 1. & 8.

## SEGUNDO PONTO.

A doçura de cithara faz agora mutança o discurso para o officio do orgão: onde pelo transito das politicas para as virtudes passa  
f o lou-

o louvor das cordas para as teclas :

*Psal. 150. v. 4. Laudate eum in chordis , & organo.*

*Silv. Petr. Sancta L. 7. p. mihi 330.*

Por especie de sacrilegio condemnou Silvestre Petra Santa o uso do orgão , que não fosse para musicas sagradas : *Organo dumtaxat ad harmoniam sacram utimur.* Evitou esta censura o Senhor Diogo de Mendocça ; porque desde a idade de dez annos se rego o seu animado orgão por um registro de Santa Cecilia , que lhe caio por forte. Deixoulhe o registro fixos os pontos da devoção até a morte : e ainda que lhe desappareceu por algum tempo , foi para que mostrasse a naturalidade , com que no sagrado exprimia os affectos de triste.

Naõ sem especial providencia lhe appareceu outra vez o mesmo registro dentro do livro por onde estudava : e enchendo este orgão todas as boccas da devoção , não teve voz , que não respirasse no templo de Santa Cecilia. Em Hollanda.

onde nos ouvidos da heresia dissona  
 tanto o culto das sagradas Imagens,  
 fez, que soassem armoniosas as vo-  
 zes nas festas, com que todos os  
 annos solennizava o dia da Santa.  
 Bem se podia dizer dos Hereges o  
 que là disse Job de certos impios,  
 que entre a dissonancia dos seus er-  
 ros só a harmonia deste orgão era do-  
 ce nos seus ouvidos: *Gaudent ad so-* Job.c.21.v.12.  
*nitum organi.* Taõ incessantes foraõ  
 as vozes desta sua devoção, que nem  
 ainda nos rios daquella Babilonia cal-  
 lou o canto do seu orgão: *Super flu-* psal.136.v.2.  
*mina Babilonis: Suspendimus organa nostra.*

Passou de Haya a Madrid, on-  
 de respirando com ar de clima ca-  
 tholico o orgão de sua antiga de-  
 voção defafogou já não só em coro  
 de musica; mas em huma sumptuo-  
 sa Capella, que mandou levantar a  
 Santa Cecilia na Igreja das Trinita-  
 rias Descalças, adornando-a com pre-  
 zioso retabolo, e consagrando-a  
 com annuaes festas.

Como esta devoção, foi sua indivisa companheira, voltou com o Senhor Diogo de Mendouça a Portugal, onde lhe continuou ao compaffo da vida, sempre na mefma elevação de ponto. Mas ainda que foi o affecto dominante nesta grande alma, não fe podia queixar ou a terra, ou o Ceo de que attrahido de fta armonia faltava à attenção de outras obrigações, ou de outras virtudes, como lá fizeraõ cargo a Apollo, quando só a Virgem Leucothoe lhe levava os olhos.

Ovid. Met. 4. .... Qui que omnia cernere debes  
 Leucothoen spectas, & Virgine figis in una  
 Quos mundo debes oculos.

Poriffo mais zeloso da primeira virtude, que era a fua obrigação; e mais activo na obrigação das outras virtudes. Era devoção á inigne organifta Santa Cecilia; e affim como o orgaõ he hum compendio de todos os instrumentos musicos, co-

mo lhe chamou Quintiliano, assim esta devoção era num coro, que se compunha de todas as virtudes catholicas. Aqui se verifica o que a diverso intento disse Santo Ambrosio: *Hac spiritualis harmonia omnium virtutum est organum.* Armonioso canto de orgão, onde unidas todas as vozes da devoção, cada huma seguia sua figura. Foi devotissimo de Christo Crucificado, cuja imagem sempre trouxe junto do peito. Nesta consonancia entravaõ S. Bartolomeo, Santa Izabel Rainha de Portugal, Santa Comba, e outros Santos, cujas festas solennizava mandando dizer muitas Missas.

Quint. l. 9. c. 4.

D. Ambr. pres. in lib. Psal.

Na devoção com S. Bartolomeo mostrou ser orgão cheio nos canos grandes, e pequenos. Todos os annos no dia deste Apostolo se confessava e commungava: e mandando receber o primeiro pobre, que chegava à sua porta, elle mesmo faía recebello: e introduzindo-o no seu gabi-

gabinete, lhe assistia, enchendo primeiro aquelle pequeno cano com a respiração de pratica consolatoria, para ao depois lhe encher todas as bocças à sua necessidade. Chegada a hora de jantar, elle mesmo lhe lançava agua às mãos, e o servia na mesa. Comiaõ ambos, sendo para a golosina da sua caridade, o bocado mais gostoso o pouco assadoquelle mendigo. Acabada a mesa, lhe deitava segunda vez agua às mãos, e voltava a acompanhallo até a escada, onde o despedia foccorrido com huma boa esmola.

Oh quantas consonancias cheias soão neste toque da caridade! Se o amor, como diz meu Pay o grande Agostinho, he pezo: *Amor meus pondus meum*, de pezo servia aqui a caridade, para que nos folles deste orgão decesse a respiração do Senhor Diogo de Mendocça a encher aquelle cano pequeno, que era o pobre.

*D. Aug. Tract. 26. in Joan.*

Como

Como a caridade informava neste acto muitas virtudes, quaes eraõ a humildade em se igualar a hum mendigo, a da mortificaçaõ em supportar aquelle asco; e a da paciencia em se naõ irritar com a sua ignorancia, de todas estas virtudes compunha hum coro; para o ajustar a diverso orgaõ. Ha huma especie de orgaõ, a que os professores chamaõ hydraulico; o qual como diz Silvestre Petra Sancta, soa com agua, sem necessitar de outro impulso de mão, nem para lhe dar o ar; nem para lhe opprimir as teclas: *Organum aqueum, quod non digitis . . . sed solius fontis ministerio canit.* E quem naõ dirà que aquella agua, que o Senhor Diogo de Mendoça lançava tanto de alto às mãos do pobre, era a que lhe servia de respiraçaõ a este orgaõ hydraulico para o encher, e para o fazer soar? Só as vozes do agradecimento não eraõ suaves para os seus ouvidos; porque não queria do pobre

outras

*Silv. Petr. Sancta l. 9. pag. mih. 430.*

outras graças mais , que as que dava a Deos na meia. Copiosa agua, pois se não consumia com tanto fogo de caridade! Em fim verdadeiramente caída de alto , pois fazia soar aquelle orgão : *Solius fontis ministerio tanit.*

Na devoção de MARIA Santissima nunca mudou de tom este orgão : sempre fôou cheio. A primeira acção , por onde principiava o dia , era rezar o seu Officio ; rompendo ao depois todas as horas, que lhe restavaõ livres , para rezar o seu Rosario. Nunca faltou a este exercicio. Era MARIA Santissima o seu orgão de alegria , como lhe chamou Santo

*D. Andr. Crete.  
Serm. de Annũt.*

Andrè Cretense : *Salve letitia organum* ; e sempre as suas vozes soaraõ cheias. Para tudo tinha tempo , porque era bem ordenada a sua vida pelos registros da devoção , e da prudencia. Trabalhava de dia ; e descansava de noite , por se não parecer com os antipodas da vida humilha

humana, que fazem da noite dia, como já lá chorava Seneca no seu tempo: *Sunt & in urbe antipodes . . . Senec. Epist. Talis horum contraria omnibus non regio, 123. sed vita est.* Obrava com a luz do Sol, e porisso podia fair a luz tudo, o que obrava. Como não necessitava de luzes do candieiro, mais que para as primeiras horas da noite, as suas obras tudo tinho de resplandor, nada de fumo.

Nos successos adversos mostrou o grande desafogo do seu animo, que era larga a respiração do seu orgão; pois lha não poderaõ, não digo eu, soffocar, mas nem ainda opprimir dous naufragios, e dois incendios. Ambos estes elementos Agua, e Fogo pugnaõ com o ar: o Fogo consomindo-o; a Agua afugentando-o. Mas nem a Agua, nem o Fogo prevalecerão a fazer tarda a respiração deste orgão. Teve hum incendio em Madrid, celebrando o nascimento da Senhora Infanta Do-

na Francisca; e outro em Lisboa em Janeiro de 1736. Teve dois naufragios na Enviatura de Hollanda, perdendo no segundo huma selecta, e preciosa livraria: e de que escapou sómente o seu retrato, que comprou por outro preço o mesmo pintor, que o tinha feito. Se aquelle original fora o vivo, podia o preço ser mais alto; pois nelle tinha a gloria de todos aquelles livros. Mas em todos estes contratemplos esteve tão socegado o seu animo, que nella noite do incendio ultimo perdeu o sonno. Excedeo a Job no socego desta respiração; pois se Job vio arder a sua casa: *Ignis cecidit, & tabas oves, puerosque consumpsit*; lá confesseu que com este fogo se soffocara a respiração do seu orgão: *Et organum meum in vocem flentium*. Elle entre tanto fogo, e tanta agua, respirando tão socegado, que podia dizer: *Transivimus per ignem, & aquam: & eduxisti nos in refrigerium*.

*Job. c. i. v. 16.*

*Psalm. 65. v. 12*

Toc

Tocava neste orgão a agua , e como era hydraunico , fazia consonancia : tocava o fogo , e não lhe podia consumir o ar , para fazer mais tarda a sua respiração.

Chegou em fim o fatal golpe da Parca tão prevenido pelo Senhor Diogo de Mendoça , que se o não pode evitar como caduco , lhe preparou a cura como catholico ; assim nas repetidas Confissoens , e Communhoens, que frequentou mais nos ultimos annos , como nas discretas disposições do seu testamento. Concorrerão as vozes do Ceo , e da terra , para prognosticarem esta perda universal. Na terra saíu o oraculo da sua propria bocca. Costumava assistir todos os Sabbados de Alleluia na Igreja do meu Convento da Graça desta Corte , agradecendo a Deos o beneficio de o livrar do primeiro naufragio neste dia. Taõ pontual era nesta assistencia , que costumava dizer aos meus Religiosos , que cer-

tamente morreria naquelle anno, em que não viesse a Igreja da Graça em Sabbado de Alleluia. Succedeo pela morte do Senhor Infante D. Carlos não poder vir neste anno: e verificouse o seu vaticinio.

Tambem as Estrellas como linguas do Ceo publicaraõ com tremula luz esta morte. Taõ claro he o vaticinio do prognostico, que todos vemos neste anno, que parece historia do futuro. Não califico estes prognosticos; mas ou seja casualidade, ou mysterio, muitas vezes vemos, que a Esfera accende Cometas na morte dos Principes. Ninguem melhor, que o Ceo, avaliava grande a cabeça do Senhor Diogo de Mendouça: e ao menos na morte a quiz igualar com as Coroas, chorando-a pelos olhos das suas Estrellas; e queimando as mesmas tochas, que accende na morte dos Monarcas.

Acabou o Senhor Diogo de Mendouça de morte apressada, mas  
na

naõ improvifa. Correo-se a morte de  
 certa o fio a numã taõ util vida: e  
 veio apressada como a furto a lo-  
 grar o seu golpe. Caio o alvo , a  
 que os outros Monarcas affestavaõ os  
 seus defejos , considerando-se felices ,  
 se o tivessem por seu Secretario  
 de Estado. Arruinou-se aquella torre,  
 donde na noite escura das difficul-  
 tades pendia acceso o farol , para  
 se evitarem os naufragios: voou com  
 a gadaña da morte aquelle gran-  
 de livro , em que todas as letras só  
 se atavaõ à razaõ. Acabou aquelle  
 alto discurso , que só na prudencia  
 admittia os pontos dos seus perio-  
 dos; que ainda por expendidos na  
 metaphora destes dois instrumentos  
 mostraraõ , que por inexauriveis , a  
 penas podiaõ ser tocados.

Ordenou em seu discreto testa-  
 mento , que fossem conduzidos os  
 seus ossos ao sepulcro dos seus an-  
 tepassados na Capella da Senhora do  
 Loretto , que cem nas suas casas em  
 Lavira

Tavira. Como estas cinzas se hão de collocar em pyra tão vizinha aos ardores , com que o Sol olha a Africa , feraõ as dos Fenis , em que renasça para a eternidade , quem morreo para o tempo ; e em que se conserve sempre o calor da fama contra todo o frio da morte , e contra toda a jurisdicção do tempo. E em fim por ser sepulchro na Capella de Loreto , que recorda aquella causa , que foi berço para a nossa vida seja luto para o seu eterno descanso *Requiescat in pace. Amen.*

F I N I S.



